



Gustavo Victorino

SEM QUALIDADE

A briga entre a Apple inglesa, empresa que defende os direitos sobre a obra dos Beatles, e os mexicanos da Fuego Entertainment, que “garimpou” o achado, ganhou um novo capítulo nos últimos dias. A descoberta da gravação de um show de estréia do baterista Ringo Star, em 1962 em Hamburgo, na Alemanha, deflagrou uma briga pelos seus direitos e a conseqüente edição e remasterização para lançamento ainda em 2008. O inglês Paul Licalsi, diretor da Apple, não aceita discutir a publicação do trabalho alegando má qualidade do material, o que, segundo ele, comprometeria a imagem da obra dos Beatles. A justiça foi acionada e os tribunais americanos, onde a briga acontece, devem decidir sobre a questão. A gravação tem três músicas inéditas e algumas regravações de clássicos da época na interpretação dos Beatles. Discursos à parte, a briga é mesmo por dinheiro, afinal, quanto valem três novas canções dos Beatles? Modestamente, acredito que é coisa para seis dígitos antes da vírgula.

POLÊMICA À VISTA

Na falta do que fazer, uma ONG e o Ministério Público Federal do RS conseguiram uma sentença esquisita na Justiça Federal gaúcha. O fato reacende o debate sobre a censura e a mania do judiciário de volta e meia se meter na cultura e no jornalismo, sob o fundamento de defender sabe-se lá o quê. A idéia de punir uma música pela expressão “um tapinha não dói” foi risível. Condenar a Furacão 2000 a pagar meio milhão de reais “às mulheres” pelo uso da expressão é de um oportunismo assustador. A música já sumiu, mesmo porque sua qualidade questionável tornou isso inevitável, mas daí a ONG de nome Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero entrar na justiça para defender as mulheres foi ridículo. Se ninguém reagir, daqui a pouco vão punir ou proibir por subjetivismos questionáveis e censurar coisa séria. E isso é vedado pela constituição brasileira. Como acontece em todas as grandes cidades do país, existem dezenas de bordéis de luxo abertos em Porto Alegre e alguns até anunciando em veículos de comunicação. Mas isso a tal ONG protetora da moral não vê.

JÓIA MUSICAL

Comprar um violino Stradivarius é algo assim como receber um convite da Gisele Büchen para jantar. Além de improvável, é uma coisa única e privi-

légio de pouquíssimos. O único dos 647 instrumentos ainda existentes (foram fabricados apenas 1.100 peças) disponível para venda foi leiloado no mês passado em New York e atingiu a “decepcionante” marca de US\$ 1,27 milhão de dólares. A dona era uma violinista anglo-americana chamada Barbara Penny que morreu em 2007, aos 78 anos. O último Stradivarius que mudou de mãos foi vendido em setembro de 2006 e atingiu a marca de US\$ 3,54 milhões, por ser considerado um dos melhores do genial artesão italiano. Os compradores, como sempre, exigem anonimato.

ÍCONE GLS

A ótima Ana Carolina não precisa dessa apelação em algumas das letras das suas músicas. A moça tem talento que dispensa essa pretensa “mudernidade” que agrada aos pseudo-intelectuais-etílico-liberais, mas desagrada ao público fora da comunidade GLS que quer apenas consumir o trabalho bem feito da artista. Alguém deveria dizer a ela que sua competência está acima dessas bobagens que podem acabar relegando à moça a ser apreciada por um único segmento da sociedade. É bom lembrar que o mercado não cobra, se vinga...

OPORTUNIDADE ÚNICA

A vinda de John Mayall ao Brasil é uma chance de ver um dos ícones da música

contemporânea e absolutamente avesso a badalações e paparicos musicais. E tudo de graça. O astro é parte do cast do Rio das Ostras Jazz & Blues que acontece de 21 a 25 desse mês no cinematográfico balneário do norte fluminense. Evento imperdível com atrações que qualquer pessoa precisaria de milhares de dólares para conhecer.

NA BOCA DO FORNO

A isenção e impostos do CD e DVD de música é tido como favas contadas pela classe artística. O preço do produto para o consumidor final deve cair em índices acima de 30%. O pai da idéia, o jornalista gaúcho Fernando Vieira, não esconde a satisfação. A torcida agora é para a lei ser votada e aprovada rapidamente para que os músicos possam comemorar na Festa Nacional da Música de Canela, em setembro.

ABUSO

Pode uma guitarra que custa pouco mais de 900 dólares em qualquer loja americana custar mais de 3.000 dólares aqui? E o importador é “distribuidor exclusivo”, ou seja, compra lá fora, direto do fabricante a preço inferior. Depois reclamam da muamba.

UM DIA APÓS O OUTRO

Há alguns anos escrevi nessa coluna que o Ed Mota tentava navegar por um mar complicado e isso poderia

atingir seu trabalho. O rapaz não perdeu e em um show no Credicard Hall, em São Paulo, mandou um bico na imprensa e claro, em mim que estava lá. O tempo passou e a arrogância do moço confirmou minhas afirmativas de que o excelente cantor e razoável compositor seriam sufocados pelo mau músico que insistia em se impor nos shows. É pena, a música brasileira bem que merecia o bom Ed Mota de volta às paradas e apenas cantando da forma indefectível, como faz tão bem. Tocar, deixe isso para os bons músicos que o acompanham há muito tempo.

SHOWS EM ALTA

A vinda de artistas internacionais ao Brasil em 2008 deve encher os olhos e ouvidos de apreciadores da boa música. Mesmo que alguns sejam pura enganação. A queda do dólar aliviou o bolso do empresariado e os custos vêm proporcionando vôos mais altos na tentativa de trazer artistas de alta qualidade e bons de bilheteria. Já tem artista top internacional custando mais barato que algumas atrações saltitantes daqui.

NO SEU LUGAR

Enquanto proliferam DJs no mercado, a música ao vivo reconquista espaço entre os jovens ganhando status de intelectualidade. A alienação da música mecânica e a “ruindade” dos pilotos de pickups, que inevitavelmente

precisam dos sucessos do passado para encher a pista, fez com que a ficha caísse e a juventude aos poucos procurasse cada vez mais as casas com música ao vivo e voltadas ao *entertainment*. Música mecânica está virando sinônimo de alienação ou infantilidade.

DOS E-MAILS

“Comprei um teclado da marca (...) e mal terminei de pagar, um novo modelo foi lançado. Reuni alguns trocados e adquiri o modelo novo. Pura maquiagem. O teclado era o mesmo, com algumas diferenças estéticas e outras perfumarias inúteis”.
(Everton Dias – São Paulo SP)

Você apenas descobriu o que há muito tempo venho afirmando. Os teclados chamados inteligentes andam estagnados na tecnologia e nos recursos. Para subir o preço, lançam modelos redesenhados e com raras mudanças técnicas. Como conselho, use o teclado de que gosta e esqueça novidades ou promessas comerciais. Seu bolso vai adorar.

Quero protestar contra o preconceito do mercado com instrumentos orientais. Comprei uma guitarra Cort M600 e estou apaixonado pelo instrumento. É a melhor guitarra que já tive.
(André Angelloni – Curitiba PR)

Fico feliz com sua descoberta e principalmente com seu conceito. Instrumento bom ou ruim pode vir de qualquer lugar. Até do Oriente.